



Folhas soltas n°7

Passe ♦ Ética

Boletim aperiódico dos cartéis da Escola
intercontinentais e bilíngues

dezembro de 2025



Sumário

<u>Sumário</u>	<u>2</u>
<u>Abertura</u>	<u>3</u>
<u>Alejandro Rostagnotto \\ A expansão do ato analítico</u>	<u>6</u>
<u>Nicol Thomas \\ De que se autoriza o analista?</u>	<u>11</u>
<u>Joanna Szymańska \\ No jogo, sozinha...</u>	<u>20</u>
<u>Pedro Pablo Arévalo \\ Posição do analista na Escola e na cura</u>	<u>27</u>
<u>Matilde Pelegrí \\ Que lugar para o entusiasmo na posição do analista?</u>	<u>35</u>
<u>Carol Leymarie \\ A ética lacaniana</u>	<u>42</u>
<u>Continua...</u>	<u>48</u>

Abertura

O CAOE, Colégio de Animação e de Orientação da Escola, tem o prazer de lhes apresentar a 7a edição eletrônica das *Folhas Soltas* destinadas à circulação dos trabalhos dos “Cartéis intercontinentais e bilíngues”.

As Folhas Soltas visam constituir um “espaço de ressonância” no seio de nossa Escola a partir das diferentes produções individuais desses cartéis.

Publicamos assim nas *Folhas Soltas* N°7 os trabalhos apresentados na ultima meia jornada de intercâmbio entre cartéis intercontinentais e bilíngues da nossa Escola, que aconteceu no dia 11 de outubro, via zoom, e cuja orientação foi, nesta ocasião, pensar o assunto crucial da relação entre o dispositivo do passe e a ética da psicanálise: "Passe ◊ Ética".

Foram formuladas questões muito importantes, que nos animam a seguir trabalhando. Entre elas, podemos mencionar, a da primera mesa: De que se autoriza o psicanalista? Qual seria este ato, nunca delimitado antes de Lacan; a “política do ato” na Escola como “forma de hospitalidade ética” para a “ressonância” do que persiste mais além do final”; a ética em jogo, quanto ao funcionamiento da Escola, especialmente nesta difícil tarefa, responsabilidade dos AMEs, de

designar passadores, especialmente designar passadores cuja “passagem” parece não ser o desejo do analista; e apontar em direção ao final como o que definiria um analista “realmente lacaniano”. Da segunda: a posição do analista na Escola como “indissoluvelmente vinculada a sua posição na cura”; a “interpelação ética” ligada a pergunta pelo entusiasmo em “ocupar o lugar do analista”; e o tema da ética como aquele que “teremos em comum em nossa Escola”, especificamente, a “ética lacaniana” que “aponta ao gozo para permitir” que ele, o sujeito, possa “seguir desejante”.

Convido-os a leitura!

Esses cartéis do CAOE têm efetivamente permitido novos laços entre os membros da EPFCL e nos fez saber sobre a diversidade, particularidades locais, expansão sempre em movimento dos Foruns das oito Zonas da IF que se baseiam em um único princípio: a extensão da intensão da psicanálise, seja isso que mantém o próprio “do discurso analítico em ato nos tratamentos”.

Fazer cartel, se engajar neste trabalho mostra um psicanalista que leva a sério o ‘fazer Escola’, contribuindo para a elaboração de um saber quanto ao princípio lógico e ético disso que “faz” um psicanalista capaz de sustentar a psicanálise.

Podemos dizer que, todos os cartéis são da Escola, desde “O Ato de fundação” e estão abertos a todos. No entanto, os cartéis da Escola do CAOE, intercontinentais e bilíngues, convidam precisamente os membros da Escola a realizar esse trabalho, por estarem engajados e se inscreverem como parte interessada da EPFCL e da insistência de seu objeto. Lembramos aqui os termos dos princípios diretivos para uma Escola: se trata para um membro da Escola “de um engajamento específico que não é somente engajamento na psicanálise em intensão, mas, além disso, uma ‘intensão’ sem fronteiras”.

Nossa Escola é internacional e fala múltiplas línguas, nossos dispositivos de trocas não seriam possíveis sem a disposição e o enorme trabalho das equipes de tradutores que agradecemos muito particularmente aqui. As diversas experiências com os tradutores da IA, nos fazem apreciar ainda mais a sua colaboração.

— O Colégio de Animação e de Orientação da Escola, CAOE: Dyhalma Ávila, Antonia Maria Cabrera, Rosa Guitart, Adriana Grosman, Gabriela Zorzutti, Karim Barkati, Mariana Severini.

Alejandro Rostagnotto \\ A expansão do ato analítico

— Cartel “*Wunsch*: O que nos ensinam os 20 anos do passe na EPFCL?”¹



Alejandro Rostagnotto. AME.
Membro do Forum Argentino do
Campo Lacaniano, polo
Mediterrâneo.

O trabalho que apresento faz parte da experiência do cartel *Wunsch* — nome que compartilhamos com a revista da nossa Escola —, integrado por Patricia Zarowsky, Camila Vidal, Sol Aparicio, Sandra Berta e quem vos fala, Alejandro Rostagnotto.

O cartel se formou em torno do ensino do passe, e sua tarefa consistiu na leitura sustentada das publicações dos AE na revista *Wunsch* entre os anos de 2004 e 2024. A partir da experiência realizada, posso afirmar que os escritos reunidos nessa revista constituem uma caixa de

¹ Patricia Zarowsky, Camila Vidal, Sol Aparicio, Sandra Berta, Alejandro Rostagnotto (mais-um).

ressonância da expansão do ato analítico. Nesse eco de duas décadas, torna-se audível a vibração de uma ética que, mais do que se dizer, se escreve.

A expansão do ato

Quando o ato analítico se consuma, deixa efeitos que se expandem, que buscam novas formas de se expressar e se inscrever. Essa ressonância — o que persiste além do final — constitui, a meu ver, a própria matéria da expansão do ato analítico. Inclui modos inéditos de dizer que não estavam presentes no encerramento da análise, mas que surgem do encontro com o cartel; e isso vale tanto para o passe quanto para qualquer experiência de cartel.

O cartel, enquanto experiência coletiva, pode ser pensado como um dos lugares privilegiados onde essa expansão se faz ouvir. Não porque repete o ato — o que seria impossível —, mas porque acolhe seus efeitos. Em cada leitura, em cada conversa, algo do dizer analítico volta a ser colocado em jogo. O cartel se torna assim um espaço onde a ética realizada no ato encontra uma forma de se prolongar, de ressoar, de se tornar palavra compartilhada.

Política do ato / Política da Escola

Essa expansão não acontece espontaneamente. Ela pressupõe uma política: uma política do ato

ou, se preferir, uma política da Escola. Trata-se de sustentar as condições para que a ressonância do ato não se apague nos automatismos institucionais.

A Escola não produz o ato, mas pode oferecer o campo no qual os seus efeitos são transmitidos. Nesse sentido, a política do ato não é uma administração do saber, mas uma forma de hospitalidade ética: a maneira como a Escola se deixa afetar pelos ecos dos atos que a fundam.

A constelação de alguns

No trabalho de leitura do cartel *Wunsch*, especialmente nos escritos dos AE da nossa Escola, foi surgindo o que se poderia chamar de uma constelação de experiências singulares.

Cada AE, ao escrever sua trajetória, relata de maneira própria como resolveu seu caso e as consequências dessa resolução para a prática. Nessa pluralidade, verifica-se que a psicanálise se reinventa a cada ato. Não há um modelo ou uma matriz que os unifique: há uma pluralidade de uns.

Essa constelação não forma um conjunto fechado. Não produz uma doxa nem um precipitado conceitual. Em vez disso, gera uma disposição: um estar atento, uma abertura ao plural. A leitura desses testemunhos não deixa um saber acumulável; deixa uma sensibilidade, uma disponibilidade para ouvir, uma forma de

atenção aos detalhes que escapa a toda sistematização.

Poderia se dizer que o cartel, longe de unificar a experiência, a amplifica. Cada leitura produz um novo dizer que, ao se inscrever e se dar a ler, renova o campo da psicanálise. Nessa trama plural, configura-se um mapa histórico dos modos de pensar o ato. A constelação de uns que emerge dessa leitura — uma espécie de Via Láctea do desejo — indica, em suma, que a Escola não se sustenta na unidade do Um, mas na ressonância de suas diferenças.

A experiência corporal da leitura

Cabe acrescentar que a leitura no cartel transcende o exercício intelectual e se configura, acima de tudo, como uma experiência corporal.

Na minha própria experiência, as leituras e as conversas provocam algo mais próximo de uma ressonância ou vibração do que de uma compreensão. Afeta o corpo, desloca os critérios habituais de inteligibilidade, abre um espaço de disponibilidade. Essa afetação — que às vezes comove mais do que esclarece — constitui uma forma sensível da política do ato. Não se trata de compreender, mas de se deixar atravessar. O ato analítico não produz universais, mas efeitos da escrita em corpos singulares. O cartel, nesse sentido, prolonga a ética do ato como experiência

corporal: um lugar onde a palavra continua seu trabalho de inscrição.

Ressonância e condição política

Talvez seja disso, finalmente, que se trate a expansão do ato analítico: da possibilidade de que a ética do ato encontre sua ressonância nos corpos, nas leituras e nas conversas que uma Escola sustenta.

O cartel *Wunsch* — como o próprio nome indica — baseia-se no desejo. E é nesse desejo compartilhado, nessa pluralidade de uns, que se faz ouvir a política mais viva de uma Escola: a de manter aberto o campo do ato, ali onde o desejo insiste em se reinventar.

Tradução: Ida Freitas

Revisão: Sara Fernandez

Nicol Thomas \ De que se autoriza o analista?

— Cartel “Análise ao final”²

Nicol Thomas. Psicanalista colegiada em Naarm/Melbourne, Austrália. É Analista Membro da Escola da IF-EPFCL.

Agradeço ao CAOE por me convidar para esse evento. Falarei sobre o cartel que tenho trabalhado com Dyhalma Ávila-López, Radu Turcanu, Carolina Zaffore e Gabriela Zorzutti (em ordem alfabética), e com o agradecimento ao trabalho desses cartelizantes.

Nosso cartel tem o título provisório do f(x) do AME, e com o título desse painel, nós estamos explorando questões acerca de que se autoriza o AME. Esta apresentação segue as linhas de questionamento as quais temos trabalhado, e como tal se une às notas das discussões de nosso cartel.

Uma das tarefas fundamentais do AME é poder designar passadores. Isso, então, predica que o AME tem o ‘know-how’ (saber-fazer) para fazê-lo.

O passador é designado por um AME que reconhece algo da passagem de analisando a

² Dyhalma Ávila-López, Radu Turcanu, Carolina Zaffore, Gabriela Zorzutti, Nicol Thomas (Mais-um)

analista no passador; reconhece algo do desejo do analista. Esse momento, entretanto, não é o mesmo que o final da análise, já que a produção do (futuro) passador ainda está sob transferência na análise.

Como abordar essa questão? perguntamos. Começamos com *Análise terminável e interminável* (1937) de Freud, para orientar o que o final de uma análise significa, e a diferença do final de uma análise entre Freud e Lacan. Para Freud, o fim de análise é o rochedo da castração, mas com Lacan haveria algo mais. Se a divisão do eu como defesa se deve a uma decisão antecipada inadequada, a castração só pode ser uma “cura” ou fim econômico; o que acontece com aquilo que não pode emergir do recalque? Há também um resto, algo inanalisável que permanece, o impulso da pulsão. O que é “incurável” é vinculado à matéria primordialmente reprimida e que nós não acessamos através da análise; esta é a distinção entre o pensamento de Freud e o de Lacan.

É também assim que Lacan formula o registro do Real: essa coisa que escapa da domesticação. Portanto, pode a cura, algum dia, terminar em uma questão estrutural? Com Lacan, o final está além da estrutura, além do falo.

A leitura de Lacan de *Análise terminável e interminável* o conduziu a pensar o passe; há alguma maneira de alcançar um grau de

“normalidade” no qual o eu possa lidar com as pulsões e não as deixar ser completamente selvagens? Há algo mais que mera terapêutica na formação de um analista? O que é uma experiência do inconsciente, falar a verdade em dois lugares ao mesmo tempo, sem contradição? Se o sintoma é o resultado de uma decisão antecipada inadequada, então o sintoma é parte do eu, causa conflito e divisão, cuja fala é o que a análise rastreia. Falar em análise é uma operação sobre o saber, não apenas uma terapêutica. Então, há um aspecto ético do sintoma que implica decisão, posição, uma justificação para sua existência e resistência. O final de uma análise implica que o sintoma no início não seja o mesmo ao final!

A questão de Lacan – O que faz um analista e de onde vem o analista? – introduz sua invenção do passe. Há uma decisão adequada ao final? Essa decisão adequada é o que Lacan chamou “autorizar-se de si mesmo”, o que, para aquele que passa de analisando ao desejo do analista, significa também um interesse pela comunidade psicanalítica e uma vontade de trabalhar na Escola de psicanálise. O que é a experiência e o experimento da psicanálise? [Em francês a palavra experiência pode ser usada para se referir tanto a “experiência” quanto a “experimento”, mas há uma distinção entre os dois termos em inglês que podemos utilizar.]

Na *Proposição de 1967*, Lacan delineia a posição de Analista Membro da Escola. Enquanto o Analista da Escola propõe-se (ao passe), o AME é proposto por seus colegas, que “garantia” isso implica? O AME é o responsável pela indicação de passadores para escutar os testemunhos dos candidatos à posição de AE. Isso significa que o AME tenha sido observado não apenas em seu desejo pelo trabalho e função da Escola, mas também por sua capacidade em reconhecer quando um passador é possível.

Isso nos leva a reconhecer uma distinção poderosa entre o término de uma análise e *uma passagem de analisando a analista*. Ao final de uma análise, o analisando deve fazer uma demonstração lógica da experiência de estar sob a operação da análise que tenha chegado a um ponto final; o sintoma não é o mesmo que foi no início. A transferência ao analista é abandonada para que surja algo novo que tenha a ver com o desejo e não com a angústia.

Mas a *passagem de analisando a analista* é outra coisa; e é com isso que o passe se ocupa. Por que há tanta elaboração sobre o fim quando o que o passe busca é a trajetória do desejo do analista – o qual, sabemos, não é um desejo puro (Lacan, 1964), o que quer que seja essa pureza? Esses são dois momentos distintos.

O procedimento do passe respeita a lógica da estrutura da análise, e o que a Escola pode

garantir (talvez a única coisa) é que um analista seja a produção de sua formação e autorização de si mesmo.

Então, a função AME requer um *saber-fazer* com essa passagem. Os AMEs não têm a ver com o final de uma análise. AMEs são encarregados de designar o que pulsa no passe, o que é um experimento que sempre envolve um risco e uma experiência na qual os participantes terminam profundamente mudados. É por isso que, mesmo que não haja nomeação de AE, a experiência de dar seu testemunho pode resultar em uma diferença para o desejo e para a orientação do analista ao trabalho da Escola. Em inglês as palavras “*pass*” (passar) e “*fail*” (falhar) formam um par; mas mesmo se houver um “fracasso” do “passe”, esse é um jogo de palavras. A experiência do passe é o que conta para o desejo do analista, um experimento que concerne à experiência. Não é didático.

Como então, o final e o passe se articulam? Não é uma necessidade lógica que a análise esteja terminada para entrar no dispositivo do passe. Lacan dedicou um Seminário inteiro ao Saber do psicanalista (1971-1972); o que permite ao analista autorizar-se de si mesmo? O analista, como ele diz na *Nota italiana* (1973), terminará sendo nada, rebotalho, deixado cair pelo analisando quando o fim ocorrer. Então, o que pode saber o AME? Que a passagem é um

momento e o passe é uma experiência que não tem nada a ver com a análise.

A nomeação de um passador por um AME é um ato assim como autorizar-se de si mesmo é um ato. Esses atos não são passivos. O que é necessário para um ato? De onde um AME autoriza?

Esse cartel coloca a questão do espaço onde isto pode ser articulado entre nós. Como entendemos o lugar do ser do objeto causa de desejo? Como o AME designa o passador? O passe funciona por “sua conta e risco” e funciona porque é indomável, experiência, experimento, sujeito a sujeito. Como falar sobre isso sem reduzir o funcionamento do AME a uma lista de critérios?

Esse cartel também leva à questão da in-tensão e ex-tensão na transmissão desse dispositivo. O que devemos fazer para provocar alguma animação a essa transmissão?

Também identificamos um problema; qual a função do AME em ex-tensão? A designação de passador vem apenas através de um analista e sem demanda; o que acontece quando um AME pode identificar um passador em um analisando que não tem nenhum desejo de se tornar analista e vem sob a apreensão de uma “cura”, sem qualquer interesse seja nos Fóruns ou na Escola?

Além disso, podemos identificar uma diferença entre a in-tensão e a ex-tensão da psicanálise,

com a vaga ideia de que a análise em ex-tensão opera com o analisando que vem como uma espécie de refugiado da psiquiatria/psicologia e não quer ter nada a ver com a Escola de psicanálise? Qual a função do AME quando reconhece a passagem em tal analisando? A análise tem um efeito em todos os seus praticantes, tanto analisando como analista, mas o que isso significa para os dispositivos da Escola?

Dado que o tema da Escola neste período é a Ética da psicanálise e as outras, há lugar para que a psicanálise com analisandos que não estão “na” Escola seja incluída como “outras”? Isso pode ser visto como psicanálise em ex-tensão? O que pode ser dito sobre a ética do desejo de análise com este “outro” em relação ao funcionamento da Escola e, particularmente, este da responsabilidade do AME de designar passadores que tenham alcançado sua “passagem” do sintomático até onde?

Para concluir: esse cartel ainda não finalizou seu trabalho, mas, até aqui, levantamos a questão sobre as responsabilidades do AME. Há um risco para o AME, é difícil designar passadores. Sobretudo, há o tempo que um analisando leva para encontrar seu caminho até uma passagem a outro desejo, uma diferença de posição em relação ao seu sintoma. Seguramente, acelerar esse processo não produzirá resultados éticos.

Pode ser o momento para aproveitar a oportunidade para que o AME fale o porquê e sobre qual é a função de AME. Talvez possa haver alguma experiência nova a ser transmitida sobre a ética da análise e as outras.

Referências

Freud, Sigmund. 1937. *Análise terminável e interminável*. Em Freud, S. 2001. Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud. Volume XXIII (1937-1939): Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos. Trans J Strachey. London: Vintage, Random House. 209-253.

Lacan, Jacques. 1964. "Lição de 24 de junho de 1964: Em ti mais do que tu". Em Lacan, J. 1998. *O Seminário, livro 11: os quarto conceitos fundamentais da psicanálise*. Trans A Sheridan. London: WW Norton & Company. 263-276.

Lacan, Jacques. 1967. "Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola" Em *Analysis Number 6 1995*, Ed R Grigg et al. Trans R Grigg. Geelong: The Australian Centre for Psychoanalysis in the Freudian Field. 1-13.

Lacan, Jacques. Nd. *O Seminário de Jacques Lacan: O saber do psicanalista 1971-1972*. Trans C Gallagher. From unedited French manuscripts.

Lacan, Jacques. 1973. *Nota italiana*. Trans S Schwartz.

Tradução: Vera Edington

Revisão: Daniele G. Salfatis

Joanna Szymańska \\\ No jogo, sozinha...

— Cartel “Passe a analista”³



Joanna Szymańska. Membro do Fórum Polonês do Campo Lacaniano desde sua fundação em 2010. Psicanalista atuante desde 2000. Mestre em Língua e Literatura Inglesa e em Psicologia.

Quando me pediram para falar sobre a experiência de trabalhar em um cartel internacional - o meu é: "O Passe a Analista" desde o início de 2024 - meu primeiro pensamento foi "idiomas". Os cinco membros do cartel estão espalhados por três continentes e, ao trabalhar um texto, podemos consultar até quatro versões linguísticas do mesmo (com o inglês NÃO sendo a língua franca). Com a conectividade do Zoom, a comunidade psicanalítica tem a liberdade de se conectar e se reunir em qualquer configuração linguística e institucional: um analista ou um analisante (às vezes ambos) falando sua segunda língua, em análise via Zoom; um cartel internacional ou uma meia jornada de cartéis da Escola. Conversamos uns com os

³ Maria Celia Delgado de Carvalho, Adriana Grosman, Gabriela Moreira, Leonardo Pimentel (Plus-un), Joanna Szymańska

outros, mesmo que a tradução seja uma tarefa assustadora.

Como é possível que, dentro dessa verdadeira confusão bíblica de idiomas, o ajuntamento disperso de pessoas se envolva com um grupo e troque – o quê? Palavras, as de Lacan e de outros, filtradas, por um lado, pelas línguas da tradução e, por outro, pelo(s) sujeito(s) falante(s). Sendo cada língua estrangeira para o ser falante, significantes de qualquer uma delas podem funcionar como representantes do sujeito. Lacan teria dito que a transmissão em psicanálise é impossível, e que "cada um precisa reinventar a psicanálise por si mesmo"⁴. Cada um, analista e analisante, reinventa, necessariamente, à medida que vive as palavras que profere, à medida que se apropria delas em seu corpo sintomático. No entanto, "algo da" transmissão acontece, aos poucos, apesar da confusão de idiomas; a psicanálise se transmite por meio de uma linguagem, mas contra sua corrente, através de sua metonímia. Essa "reinvenção por conta própria" só pode acontecer com outros, os membros do cartel (comunidade, Escola) que se acompanham em sua individual e subjetiva – a palavra em inglês para isso é, possivelmente, "apropriação" –, tomando isso para si. Um pouco

⁴ "Não há transmissão da psicanálise. O que existe é um a um: cada um deve reinventar a psicanálise por si mesmo" (Palavras de Lacan durante um Congresso da École Freudienne de Paris)<https://www.amp-nls.org/nls-messager/jacques-alain-miller-lacan-foresaw-the-global-domination-of-capitalism>

de transmissão acontece. Algo pode ser apropriado e marcar o sujeito com um minúsculo acréscimo a cada vez. O que se tornou meu desde o início do trabalho do nosso Cartel em janeiro de 2024? Atravessamos uma variedade de textos juntos – vários textos de *Wunsch*, uma passagem de “As Marcas de uma Psicanálise”, um livro de Luis Izcovich e, mais recentemente, “O ato psicanalítico – resumo do seminário”, de Jacques Lacan, um texto de Outros Escritos. Há contingência e entusiasmo na escolha da literatura; havia contingência na escolha do cartel para mim, ainda que fosse nas linhas do princípio freudiano da *Verneinung* se eu dissesse que não estava pensando no fim.

Pensando no fim como um ponto vago e distante no horizonte, na circunstância de recomeçar a análise, com um novo psicanalista, a quem expliquei que queria estar em análise com um verdadeiro psicanalista lacaniano. O que ouvi em seguida foi "Quem é um verdadeiro analista lacaniano?", uma pergunta que, acredito, aponta na direção do fim. O fato de haver uma pergunta, uma abertura, no início, tomo como princípio norteador para o trabalho no cartel sobre o passe: acompanhamo-nos mutuamente numa direção, num ponto no horizonte, que não é tanto a direção rumo ao desconhecido (há lógica nisso, há uma certa topologia), mas ao desconhecimento, com seus afetos. À medida que

surgem as perguntas, não há iluminação, mas sim turvamento. Aqui estão algumas das perguntas.

“No meu começo está o meu fim”⁵, diz o poeta, e a frase ressoa com uma pergunta que Luis Izcovich faz no capítulo “Os Momentos para Concluir” de seu livro. Ele fala sobre um momento inicial – concluindo-se ao entrar em análise, “quando o analista é incluído no inconsciente do analisante”⁶. Mais do que isso: “...o momento de concluir, seja único ou não, tem correlação com um primeiro momento conclusivo – aquele em que a estrutura do sujeito é decidida – programado bem antes da análise?”⁷ Penso nisso tendo em mente que talvez não se possa pensar em uma estrutura “antes”, visto que ela aparece como construída durante a análise, como se pertencesse a ela; ao mesmo tempo, parece claro que cada sujeito circunavega o fim de uma forma estruturalmente única, seja, segundo Lacan, “um relâmpago” ou “o esgotamento do ser” ou qualquer coisa entre os dois. A conclusão de uma análise se dá de forma incremental desde o início, em torno de certos pontos de inflexão, ainda que – e isso se tornou tema de discussão em nosso cartel – o ato psicanalítico seja apenas um momento, um passo que permite uma passagem.

⁵ T.S. Eliot. “East Cocker” in: *Os quatro quartetos*; Faber & Faber, Londres

⁶ L. Izcovich. “As marcas de uma psicanálise”; Routledge (The Centre for Freudian Analysis and Research Library – CFAR), p. 41

⁷ Ibid.

O que é esse ato, “nunca visto”⁸ antes de Lacan? Uma ação, um fazer que muda o sujeito, e que vem no lugar de um dizer. Um movimento e, ainda assim, um momento singular de destituição subjetiva e da “queda” do psicanalista, que “cai, porque verificou no objeto (a) a causa do desejo”⁹. Um movimento que desloca o objeto para a posição de causa? Um desejo que pode viver sem o objeto, mesmo que não seja sem ele? Ler o “Resumo do seminário”, como dissemos no cartel, não é para os fracos. É mais um texto de Lacan que põe o leitor à prova, que o desafia a experimentar exatamente o que ele tenta expressar. É uma ilustração tangível do conselho de Lacan de ler, continuar lendo, mas não necessariamente de compreender. Oferece um significado apenas na medida em que é capaz de nos enviar para a próxima frase, para o próximo pequeno ponto de sentido, apenas para imediatamente nos empurrar de volta em nosso caminho, para o próximo parágrafo, porque, talvez, lá você consiga entender, ou não? Há uma sensação de se inclinar para fora de si mesmo, uma sensação do chão se movendo sob seus pés. Como resultado desse ato, um desejo que sempre esteve lá, por ser eterno, agora assume uma qualidade transformada para o sujeito, em sua

⁸ J. Lacan „ O ato psicanalítico. Resumo do Seminario de 67-68”, http://www.lacaninireland.com/web/wp-content/uploads/2010/06/Spring_2000-OVERVIEW-OF-THE-PSYCHOANALYTIC-ACT-Translated-by-Cormac-Gallagher.pdf

⁹ Ibid.

destituição – "como o mar" – de "oferecer-se para reproduzir aquilo de que foi liberto"¹⁰. A psicanálise reproduz, assim, em círculos, o que é absolutamente único.

Assim como o desejo, ele deve ser acompanhado de angústia. As condições para a conclusão da análise e do ato, para aqueles que tomam a decisão existencial de começar a falar, são repletas de pedras e tempestades, assim como tem sido a trajetória de toda a experiência: despojar-se das identificações imaginárias, colocando um risco sobre o Outro, perdendo a fé no sujeito suposto saber, aceitando a falta, a da relação sexual dentre outras, assumindo a responsabilidade de ser quem sempre se foi, decidindo dar um passo em direção ao desejo do analista para continuar falando, lendo e decifrando mais. No cartel, lemos vários textos de analisantes/analistas que participaram do procedimento do passe em diferentes papéis, como passadores ou passantes e membros do cartel. Eles testemunham uma gama de afetos, incluindo aquele que não mente: o que é essa angústia produzida por se fazer o passe e pela emergência do novo desejo? Uma angústia de um sujeito cuja condição fundamental é, finalmente, a solidão? Uma solidão para se engajar plenamente, com comprometimento, no "jogo verbal" da

¹⁰ Ibid.

psicanálise para facilitar uma nova situação de transferência. E continuar falando.

Tradução: Leonardo Lopes

Revisão: Ida Freitas

Pedro Pablo Arévalo \\ Posição do analista na Escola e na cura

— Cartel “Posição do analista”¹¹



Pedro Pablo Arévalo.

Pedro Pablo Arévalo. Psicanalista em Barcelona. AME, membro do Forum Galego de Psicanálise. Membro do CIG 2023-2024. Coordenador e organizador do Seminário "A formação do analista, de Freud a Lacan", atividade da 'comunidad hispanohablante' da IF-EPFCL, inscrita no Forum Galego de Psicanálise.

Agradeço ao CAOE pelo convite, como membro do cartel sobre a “Posição do analista”, que compartilho com Ana Alonso, Constanza Lobos, Miriam Pinho-Fuse e Jorge Escobar. Este breve texto, embora individual, se beneficia do trabalho do cartel, especialmente das notas que meus colegas generosamente colocaram à minha disposição.

Esta é a quinta Meia Jornada de Cartéis de Escola intercontinentais e bilíngues. A primeira foi por chamada de propostas, as demais por convite. Em diversos espaços, manifestei minha opinião, no sentido de que são os próprios cartéis que devem

¹¹ Cartel com Ana Alonso, Constanza Lobos, Miriam Pinho-Fuse, Jorge Escobar e Pedro Pablo Arévalo (mais -um).

decidir se participam ou não de qualquer evento, de acordo com a ideia do cartel como órgão de base de nossa Escola, conforme a proposta de Lacan em *d'Écolage* (1980)¹². Por essa razão, este amável convite do CAOE representou um dilema para mim. Se eu o aceitasse, iria contra minha posição de que são os próprios cartéis que devem se candidatar. Se eu o recusasse, perderia uma oportunidade única de expressar essa posição e de projetar o trabalho do cartel. Decidi aceitá-lo e tentar fazê-lo de uma maneira construtiva para a instituição. Podemos vê-lo como um exemplo de uma posição particular do analista, deste analista, perante a Escola. Uma posição que busca ser coerente com os princípios, mas sem cair em conflitos desnecessários.

Se os organizadores estão cientes desta posição, é muito coerente com a ética da nossa Escola ter feito o convite. Trata-se de outra posição do analista, desta vez desde um lugar na hierarquia, uma que não busca silenciar as diferenças, mas sim possibilitar o debate aberto.

Ambas as posições anteriores são coerentes com a ética da psicanálise, que bem sabemos conduz à queda do Outro no final da cura. Não seria congruente promover na Escola uma adesão automática às decisões e posições das instâncias

¹² Disponível em: <https://eolcba.com.ar/wp-content/uploads/2022/01/b-Decolage-Lacan-1980-.pdf> (p.2). Versão publicada em português: Lacan, J. "D'e[s]colagem". In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

organizativas, como se estas constituíssem um Outro não barrado, enquanto na cura dirigíssemos o analisante à destituição do Outro, de acordo com o fim de análise que procuramos.

Assim, individualmente ou em instâncias organizacionais, o analista assume posições ante à Escola e ante aos dispersos disparatados, e uma coerência com os princípios é de se esperar, coerência que deve estar presente, para o analista, desde *o momento do autorizar-se por si mesmo perante alguns outros*.

Lacan nos deixa múltiplos exemplos de tomadas de posição na Escola, várias de importância capital. Jogando com os significantes, que melhor exemplo do que a *Pro-posição de 1967*, um verdadeiro ato, de consequências institucionais verdadeiramente transcendentais?

É claro que desvios podem ocorrer. Por exemplo, o analista se posicionar como um S_2 , um mestre do saber, ou como um S_1 , cujos comandos devem ser obedecidos sem questionamentos. Ambas as posições levam ao Um, ambas incoerentes com a sustentação do discurso do analista na cura. Outro possível desvio seria manifestar uma forte identificação com alguma ideologia, política ou outra, sem descartar a psicanálise tomada como uma ideologia, algo incongruente com a queda dos ideais que acompanha o fim da análise. Ou agir institucionalmente, priorizando o próprio benefício, talvez colocando em jogo o saldo cínico

de uma análise. Ou transformar a psicanálise em um simples negócio.

Em suma, é evidente que a posição do analista na Escola está inextricavelmente ligada à sua posição na cura. É preciso entender que os analisantes, nos encontros na instituição ou em outros espaços, estão fora do dispositivo freudiano, mas não fora da análise. O inconsciente nunca descansa.

Agora, falamos da posição do analista na cura, como se fosse única. De fato, podemos dizer que o analista, como semblante do objeto causa de desejo, constitui a posição fundamental do analista na cura. Embora pouco se diga sobre como alcançar isso. Uma via de busca por uma resposta poderia se basear no efeito desejado: o desejo analisante. Ou seja, como alcançar que o analisante deseje, especialmente que deseje na análise? Será suficiente permanecer mudo e paralisado na ação? Pode ser que isso funcione em algum caso e ocasião, mas geralmente não é assim. São necessárias interpretações eficazes, perguntas incisivas, cortes oportunos, silêncios sonoros. Cada analista deverá inventar sua própria maneira de ser um semblante eficaz do objeto causa de desejo, e não permanecer como um disfarce inerte.

Mas voltemos à questão: é essa a única posição do analista? Basta lembrar as ocasiões de angústia ou de excesso de gozo, por exemplo,

para lançar dúvidas sobre isso. Às vezes, o analista precisa atuar como terapeuta, mesmo que esse não seja o seu papel fundamental. Mas é uma posição diferente. Talvez existam outras. Além disso, é importante lembrar que a posição do analista é uma posição transferencial.

Lacan constrói as noções de discurso do analista e de ato analítico, em parte buscando distanciar-se das conotações subjetivas do desejo do analista. Constituem estas outras posições? Certamente que não. No discurso do analista, o objeto *a*, causa do desejo, está colocado na posição de agente do discurso, dirigindo-se ao sujeito dividido, a fim de isolar os significantes mestres S1 e elaborar um saber S2 sobre a verdade inconsciente. Claramente, não se trata de outra posição, mas de sua estruturação a partir dos lugares e elementos dos discursos. Quanto ao ato analítico, podemos tomá-lo como outra estruturação, talvez mais profunda, da posição fundamental, que, como observa Lacan no *Seminário 17* (1969-1970), "é substancialmente, a do objeto *a*".¹³

Há outras noções ou significantes que Lacan atribui ao analista e, embora estas não constituam posições distintas, tornam-se elementos a serem considerados no exercício da posição fundamental. Em primeiro lugar, na

¹³ Lacan, J. *Seminário 17, O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1992, p.44.

cronologia da cura, temos o sujeito suposto saber, que se sustenta na transferência e é condição da análise. Mais profundo e crucial é o desejo do analista. Embora, como dissemos antes, Lacan tente se distanciar dele, devido à sua conotação subjetiva, na realidade ele nunca o abandona completamente. Assim, na *Nota Italiana* de 1974, ele fala de um *desejo de saber*.¹⁴ E mesmo perto do fim de sua longa e monumental jornada, no Seminário XXV, *O Momento de concluir* (1977-1978), ele volta a falar do desejo do analista, vinculado ao *Wunsch* freudiano — ao voto/anelo, à demanda — e ao saber. "É certamente por isso que coloquei o acento sobre o desejo do analista", diz Lacan.¹⁵

Passando para outra noção, em sua conferência de 1974, *A Terceira*, Lacan argumenta que a psicanálise é um sintoma, do qual se pode inferir que o psicanalista também o é. A transferência negativa pareceria suportar essa dedução, pelo menos em seu caráter necessário, porém *temporário*.

Em relação à função de enodamento do analista, Lacan, no *Seminário 23, O sinthoma* (1975-76), afirma que a psicanálise não é um sinthoma, mas

¹⁴ "Nota italiana", in Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 313.

¹⁵ Lacan, J. *Seminário 25, O momento de concluir* (inédito). Aula 1, de 15 de novembro de 1978. Disponível em: <https://www.psicopsi.com/wp-content/uploads/2021/06/Lacan-Seminario25.pdf> , e em versão francesa: <http://staferla.free.fr/S25/S25.pdf>

sim o psicanalista.¹⁶ Por que o psicanalista é um sinthoma? Talvez porque ali onde a estrutura nodal se desarticulou, onde o sinthoma foi perturbado, o psicanalista pode ser uma suplência. Basta ser semelhante do objeto causa de desejo para ser um sinthoma? Boa pergunta...

Por fim, mencionemos a ideia do analista como poema, partindo do aforismo de Lacan no *Prefácio à edição inglesa do Seminário 11* (1976): “*Não sou um poeta, mas um poema. E que se escreve, apesar de ter jeito de ser sujeito*”.¹⁷ O que Lacan quer dizer, e como esse “poema” se articula com a posição do analista como semelhante do objeto causa do desejo? Outra boa pergunta, que devemos deixar para outra ocasião.

Concluo com uma breve referência a Rimbaud, em seu poema *Conte*, escrito por volta dos vinte anos de idade¹⁸:

*“Il voulait voir la vérité, l'heure du désir et
de la satisfaction essentiels. Que ce fût ou
non une aberration de piété, il voulut. Il*

¹⁶ Lacan, J. *Seminário 23, O sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 131 (aula 9, de 13 de abril de 1976).

¹⁷ Lacan, J. “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 568.

¹⁸ Rimbaud, A. (1886). “Conte”. En *Iluminaciones*. Madrid: Visor libros, edición bilingüe, 8^a edición, 2008. Disponível em português em: <https://www.facebook.com/avidabrevenfans/posts/conto-de-arthur-rimbaud-20-de-outubro-de-1854-10-de-novembro-de-1891-aborrecias-3090248321260298/>

possérait au moins un assez large pouvoir humain."

"Queria ver a verdade, a hora do desejo e da satisfação essenciais. Fosse ou não fosse, isto, uma aberração mística, ele assim o quis. Dispunha, pelo menos, de largos poderes humanos."

Tradução: Miriam Pinho-Fuse

Matilde Pelegrí \ Que lugar para o entusiasmo na posição do analista?

— Cartel “A nota Italiana.”¹⁹



Matilde Pelegrí. Psicóloga clínica-Psicanalista, Membro do Fórum Psicanalítico de Barcelona. AME da Escola dos Fórums do Campo Lacaniano. Membro da Internacional dos Fórums do Campo Lacaniano. Membro docente do ACCEP (Asociación Clínica y Enseñanza del Psicoanálisis). Membro dos profesionais da “Planificación Familiar” e Membro dos profesionais dos espaços familiares.

Agradeço ao CAOE pelo convite para participar desta Meia Jornada de Cartéis. Estou no Cartel «A Nota Italiana» com Juan del Pozo, Gladys Mattalia, Pedro Pablo Arévalo e Elynes Barros. Estamos lendo o Comentário da Nota Italiana de Colette Soler e debatemos abertamente cada capítulo, o que me ajudou muito na minha intervenção sobre o entusiasmo.

Lacan, referindo-se ao fim da análise, diz-nos na «Nota Italiana»: « A partir desse momento, sabe-se ser um dejeto. É o que a análise deve, pelo menos, ter-lhe feito sentir. "Se não há entusiasmo, poder ser que tenha havido análise, mas analista

19 Cartel com Juan del Pozo, Gladys Mattalia, Pedro Pablo Arévalo Mais-um), Elynes Barros e Matilde Peligrí.

não, nenhuma possibilidade». Lacan associa o entusiasmo à superação do horror. De que horror se trata? Do horror de saber.

Aqui se abrem duas alternativas: se souber ser um dejeto não leva ao entusiasmo, não houve analista, teria havido análise sem analista ou, se não leva ao entusiasmo, não se torna analista. Será que podemos pensar que muitas curas, se não aparecerem o entusiasmo, poderiam ser curas com um final, mas que o analisante não se torna analista? Não há desejo do analista? O entusiasmo e o desejo do analista andam de mãos dadas?

Saber ser um dejeto não parece ser uma coisa fácil. Saber ser já implica a perspectiva de um saber no real que, ao derivar para o dejeto, se impregna de conotações. Como é que alguém pode entusiasmar-se com o dejeto? E que isso leve ao entusiasmo e não ao suicídio, é um enigma ainda maior.

Esse entusiasmo é a resposta do sujeito a um «toque do real» que abala a sua estrutura. É uma paixão que surge ao adquirir um saber sobre o próprio gozo e o desejo e a capacidade de transmiti-lo.

Para o analista, esse entusiasmo é fundamental para a causa analítica. Um psicanalista que não carrega esse entusiasmo, apesar de ter realizado uma análise, não cumpriu sua função além da

meramente técnica, conforme se infere do ditado lacaniano.

Mas esse entusiasmo no final da análise não é o mesmo que podemos encontrar na prática clínica, na qual podemos observar certo estado de entusiasmo que surge durante a cura, nos momentos em que se depara com a castração ou no momento da travessia do fantasma, que às vezes o analisante expressa como libertação.

Será um entusiasmo genuíno, que deixa marcas no sujeito, marcas que tornam possível reconhecer uma perda nos lutos pelos quais ele teve que passar para conquistar o seu desejo?

Será que esse entusiasmo do final pode produzir um entusiasmo pela passagem, entusiasmo por saber mais sobre a clínica, entusiasmo por conduzir outros analisantes a esse final, ou por escrever, inclusive escrever um livro ou outro tipo de coisas diferentes? Nem sempre esse entusiasmo pode conduzir à passagem...

Já Colette Soler, no livro intitulado 'Os afetos lacanianos', nos diz que é esse entusiasmo que ela toma como afeto. Ela diz que não importa o «termo da análise no que se refere ao saber, mas sim selecionar de acordo com o efeito de afeto desse saber».

O saber está relacionado com o gozo, portanto, o fim da análise relacionada com o saber tem a ver com a ética. A ética do ato analítico é o que

permite ler corretamente aquilo que Lacan chama de entusiasmo.

A conclusão a que Soler chega nessa parte do livro é a seguinte: «fazer de um afeto como o entusiasmo, para além do saber adquirido, o sinal do analista, é indicar que o Eureka do saber não basta». que está subestimado e que a «decisão insondável do ser» na sua contingência é colocada em evidência. Em outras palavras, o desejo do analista — talvez raro, a distinguir-se, aliás, do desejo de ser analista, que lhe é frequente — não é para todo o analisado.»

Muitos psicanalistas se autorizam a ser analistas antes do final de sua análise e conduzem curas. São analistas, sem o entusiasmo que surge no final da análise?

O entusiasmo lacaniano é a alegria que acompanha a ideia do objeto a como causa do desejo, do desejo de saber sobre o horror de saber. Não diremos que o Outro é alegre, porque ele não existe, mas podemos falar de entusiasmo com a condição de situá-lo em relação à construção e invenção de um saber sobre o próprio modo de gozar.

Com Lacan, sabemos que os não incautos erram. Em uma análise, o sujeito precisa ser incauto em relação ao seu inconsciente para poder saber algo sobre o próprio fantasma. Analisar-se implica que o sujeito não se deixe levar ou arrastar por

palavras tranquilizadoras ou ameaçadoras quando elas tocam o próprio ignorado. O analista está lá como guardião do vazio, como parceiro da pulsão, para que o sujeito possa passar da miséria neurótica para a infelicidade comum.

Se o fim da análise é o saber sobre a castração, como esse saber pode ser assumido como entusiasmo? Até aqui o entusiasmo, posso dizer um entusiasmo ligado ao real, ao que sustenta quando o toque do real sacode o sujeito e este responde com um entusiasmo ligado ao saber alegre, à sua causa, ligado ao saber que adquiriu em sua passagem do horror ao saber, ao desejo de saber e ao saber fazer com isso...

A chave, em minha opinião, está em associar esse saber fazer com “aquilo” e expressá-lo com o entusiasmo da transmissão de um conhecimento, de um desejo que já não é anônimo.

Como entusiasmar-se com o dejeto? O que faz com que um sujeito possa entusiasmar-se com o fato de ser lixo? Há um risco louco em entusiasmar-se com o fato de ser lixo? Há um gozo? De que gozo se trata como analista? Do prazer em seu ato? Por exemplo, a novidade de cada caso que nos chega, o inédito que nos obriga à invenção, a alegria que produz uma abertura do inconsciente, mesmo que fugaz. Lacan, na conferência de Yale, nos diz: “ser analista é um trabalho muito duro e é um trabalho cansativo”. E

o entusiasmo? Será que é o entusiasmo que permite ao analista não se ritualizar?

Daqui derivam várias questões: Há entusiasmo, alegria em ocupar o lugar do analista? Essa pergunta é uma interpelação ética. De que lugar o analista opera? O que ele busca nesse trabalho com o incurável, com o excesso e com a transmissão?

Para Lacan, só é analista aquele que tem o desejo de sê-lo. Mas a consequência, para aquele que tem esse desejo, é que se torna um descarte da humanidade.

Essa afirmação mantém, ainda hoje, a radicalidade de sua violência e toda a força de sua provocação: propor um desejo que leva à separação da humanidade, uma vez que se abandona a ele, certamente não é algo pensado para encorajar os candidatos à análise.

Cada um de nós tem um estilo na prática analítica, e o estilo é um conjunto de múltiplos elementos heterogêneos, uma característica da sua própria análise, uma característica que vem do gozo da palavra que tínhamos, que foi analisada e da qual algo permanece...

Não podemos ser totalmente analistas, não somos totalmente analistas. E o entusiasmo, não é todo entusiasmo?

Parece-me que isso coloca um pouco as coisas em perspectiva e que esse entusiasmo, essa rebeldia, essa heresia, é o que nos faz estar aqui hoje. Se não, o que estamos fazendo aqui hoje? Trata-se de encontrar um entusiasmo a cada vez. Nesse sentido, parece-me que o entusiasmo é uma rebeldia com causa, a da psicanálise, e não nos deixa muito tempo para o tédio.

Para finalizar, segundo Colette Soler, em uma conferência na Argentina em 2014, “O entusiasmo como afeto que poria fim ao horror de saber, o horror próprio de cada sujeito, distinto do horror de todos os outros”.

“Para Lacan, o que nos transcende no nível laico é precisamente o real. É o real que nos transcende, que nos atravessa e pensa que, para ser analista, é necessário que o sujeito tenha essa resposta ética que não é lamentar o real, mesmo que seja um real que não é agradável. Não é um real agradável, mas que o atravessa. E a condição para atravessar o real é, então, esse afeto de entusiasmo”.

Sabemos que Lacan acabou por escolher a satisfação. O entusiasmo tem a mesma característica de singularidade que a satisfação. O real é um real singular. O real do inconsciente é singular e a resposta afetiva é singular.

Carol Leymarie \\ A ética lacaniana

— Cartel “A ética lacaniana”²⁰



Carole Leymarie. Membro da l'EPFCL-França. Membro do Conselho de orientação (2025-2028). Membro do Conselho de direção (2021-2024). Secretária do escritório (2021-2022). Elegida por el pôle 14 (2019-2020)

Nosso cartel é composto por Sonia Alberti (Rio de Janeiro, Brasil), María de los Angeles Gómez (San Juan, Porto Rico), Sara Rodowicz-Slusarczyk (Varsóvia, Polônia), Francisco José Santos (Madri, Espanha) e eu mesma (Paris, França).

Chegamos a um acordo, desde nossas primeiras trocas, sobre trabalhar o tema da ética, que acreditamos ser o que temos em comum em nossa Escola além das fronteiras, mas ainda precisávamos saber o que estávamos colocando por trás desse conceito.

Nossa pergunta comum era saber o que se torna a ética para Lacan entre seu seminário de 1959 (seminário da Ética) e após a virada de 1975, ou seja, entre o *“não ceder do próprio desejo”* e *“o*

20 Cartel com Sonia Alberti (Rio de Janeiro, Brasil), María de los Angeles Gómez (San Juan, Porto Rico), Sara Rodowicz-Slusarczyk (Varsóvia, Polônia), Francisco José Santos (Madri, Espanha) e Carole Leymarie (Mais-um) (Paris, França).

real do gozo". Pensamos em intitular nosso cartel "Da ética do desejo à ética do gozo na clínica psicanalítica", mas o próprio título já dava respostas para o que iríamos questionar. Por isso, mantivemos esse título mais amplo, "A ética lacaniana".

Para trabalhar a evolução da ética no ensino de Lacan e suas implicações na clínica, partimos da leitura que fizemos individualmente do Seminário VII, *A ética*, para, em seguida, estudar passo a passo o texto *Kant com Sade*(escrito em 1962), estudo que ainda está em andamento.

Neste texto, *Kant com Sade*, Lacan afirma desde o início que vai nos demostrar que a *Filosofia na alcova* de Sade completa e "*fornecer a verdade da Crítica [da razão prática]*", de Kant, tentaremos entender como.

Como sabem, Kant, depois de tentar responder a "que posso saber?" em sua *Crítica da razão pura*, tenta, neste escrito, responder a "que devo fazer?" A razão não está apenas do lado do conhecimento, mas também do lado da ação e repousa sobre um imperativo moral: "*Age como se a máxima de tua ação devesse ser erigida em lei universal*". Tudo o que é da ordem do prazer extraído da ação desvalorizaria a ação. Para Kant, pulsões e sentimentos seriam da ordem do patológico.

Por sua vez, Sade, em seu texto escrito em forma de diálogo, critica as instituições (religião, família, casamento) e a lei moral, que seriam um obstáculo à liberdade e ao prazer. A parte de seu texto que Lacan nos incita a ler: "Franceses, mais um esforço se quiserem ser republicanos", vem como uma refutação da máxima de Kant, ao denunciar os limites de um raciocínio baseado na moralidade porque ele próprio é induzido pelas normas instituídas.

Em *Kant com Sade*, Lacan confronta a repressão das pulsões de Kant (para quem sentimentos e pulsões são patológicos e dificultam o raciocínio prático) com o direito ao gozo de Sade. Em ambos os casos, Lacan interroga o sujeito da enunciação. Qual é o sujeito da enunciação nessas duas máximas?

No enunciado kantiano, trata-se de um imperativo moral que vem do Outro (do grande Outro), Lacan nos diz, é isso que o texto de Sade propõe em sua denúncia do raciocínio moral baseado em normas instituídas.

No enunciado sadiano, "*Tenho o direito de gozar de teu corpo, pode dizer-me qualquer um, e exercerei esse direito, sem que nenhum limite me detenha no capricho das extorsões que me dê gosto de nele saciar*", Lacan nos diz que é a liberdade do Outro que ali se apresenta como o sujeito de sua enunciação e que essa fantasia impulsiona o leitor a se organizar com seu próprio

desejo. Sade, no fundo, ao seguir Lacan, leva-nos a questionar o "que Kant quer?".

Como o sujeito é considerado, por Kant, como transcendental, buscando se separar de seus afetos, sua afirmação não leva em conta sua própria vontade. E, por causa dessa vontade do próprio Kant, ao querer encontrar uma ação moralmente aceitável, ele não vê o que o influencia, ou seja, seu próprio gozo.

O texto de Sade assim revela a verdade da enunciação de Kant ao expor o gozo que está por trás de todo princípio moral.

Lacan enfatiza que, em Kant, há um sujeito dividido, marcado pela barra do significante, com sua lei moral, uma lei que dá sentido ao desejo, mas, ao mesmo tempo, enfatiza que Kant não leva em conta o gozo. E Lacan diz: "*O desejo, isso a que se chama desejo, basta fazer com que a vida não tenha sentido quando se produz um covarde.*" Em outras palavras, o desejo dá sentido à vida e ela perde seu sentido quando temos uma relação covarde demais com nosso desejo. Poderíamos até dizer que perder a causa do desejo é se perder no gozo. Esta é uma proposição feita pelo nosso cartel com base no texto de Lacan em relação com nossa clínica.

Na continuação do texto, Lacan aponta que o limite da posição sadiana é que o próprio "carrasco" está a serviço do gozo e que este surge

incessantemente. Ou ainda, uma citação mais poética: "*Até onde nos leva Sade na experiência desse gozo, ou simplesmente de sua verdade? Pois essas pirâmides humanas, fabulosas para demonstrar o gozo em sua natureza de cascata, essas grandes fontes do desejo, edificadas para que o gozo matize os jardins d'Este com uma volúpia barroca, quanto mais alto elas o fizessem jorrar do céu, mais de perto nos atrairia a questão do que flui nele*". A questão que surge então é saber o que limita o gozo. E Lacan responde a isso: é a fantasia.

Tomemos as coisas por outro sentido, porque a fantasia sadiana gostaria de nos fazer esquecer a divisão subjetiva inaugural. A entrada na linguagem introduz uma limitação ao gozo. Essa limitação nos impulsiona a constituir uma fantasia que nos coloca em contato com o objeto causa do nosso desejo (objeto a) que buscamos no Outro. Assim, todo desejo visa a um ganho de gozo.

Esse texto, Kant com Sade, anuncia a passagem do "não ceder do próprio desejo" para "o real do gozo" que não se anulam, ao nosso ver, mas se complementam.

Em um tratamento, o sujeito que se dirige a um analista vem com seu sintoma, aquele que o atrapalha e ao qual, no entanto, ele está tão apegado. A ética lacaniana seria aquela que visa o gozo para permitir que ele continue desejando. Em outras palavras, é justamente do que causa

seu desejo que o sujeito analisante deve ser capaz de riscar os contornos. O analisante que, independentemente de seu gênero, sua história, suas identificações, permanece um sujeito do inconsciente, cujo analista, por seu ato, não no lugar de um grande Outro, mas de um sujeito suposto saber, visa esse ponto de real que Kant parece não ter sido capaz de confrontar.

Tradução: Leonardo Pimentel

Revisão: Ida Freitas

Continua...

Nós agradecemos os autores das *Folhas Soltas* No.7 pelas suas contribuições e elaborações.

Convidamos a todos os membros de Escola a continuar se animando a formar novos cartéis intercontinentais e bilingües, sustentando assim esta iniciativa do CAOE, que tão valiosos frutos tem trazido, produto dos laços de trabalho tecidos em nossa comunidade, mais além das fronteiras linguísticas e geográficas.

Lembramos que suas propostas podem ser enviadas para o seguinte endereço de e-mail:
caoe@champlacanien.net.

A missão do Colégio de Animação e Orientação Escolar (CAOE) é facilitar o debate sobre as Escolas em nível internacional. Este Colégio é responsável por coordenar as atividades e/ou temas das jornadas de escola, iniciá-los onde ainda não existem, em suma, promover o trabalho da Escola em nível internacional.

O site do CAOE está traduzido para os cinco idiomas da IF:

FR

<https://www.champlacanien.net/public/1/epCAOE.php?language=1>

EN

<https://www.champlacanien.net/public/1/epCAOE.php?language=2>

ES

<https://www.champlacanien.net/public/1/epCAOE.php?language=3>

BR

<https://www.champlacanien.net/public/1/epCAOE.php?language=4>

IT

<https://www.champlacanien.net/public/1/epCAOE.php?language=5>

O site do IF está localizado em:

<https://www.champlacanien.net/>

Esta edição é de responsabilidade de Dyhalma Ávila e Adriana Grosman com a colaboração de Karim Barkati.